

CALDAS DE CARLÃO E S. LOURENÇO: O APROVEITAMENTO TERAPÊUTICO DO PASSADO AO PRESENTE

ALENCOÃO, A. M.; SOUSA OLIVEIRA, A.; PACHECO F. A. L.

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Apartado 1013, 5000-911 Vila Real

As Caldas de Carlão e S. Lourenço, separadas por escassos 4,5 km, localizam-se na região de Trás-os-Montes e Alto Douro, pertencendo as primeiras ao distrito de Vila Real (concelho de Murça) e as segundas ao distrito de Bragança (concelho de Carrazeda de Ansiães). A uma cota próxima dos 200 m, estas estâncias termais englobam diversas emergências de águas hipotermiais, que desde tempos longínquos têm sido utilizadas com fins terapêuticos. As nascentes de Carlão emergem na base de uma encosta do vale encaixado onde corre o rio Tinhela, um afluente da margem direita do rio Tua, sendo conhecidas quatro emergências que são designadas por: (1) Banho, Bica de Cima, Nascente Grande ou Mina; (2) Rio ou Amieiro; (3) Estômago, Vinha ou Tapada do Chalé; (4) Olhos. As Caldas de S. Lourenço localizam-se na margem esquerda do rio Tua, junto à estação ferroviária da linha do Tua, tratando-se de um conjunto de emergências naturais, organizadas em quatro grupos, nomeadamente Regato, Banho (a mais importante e que é alvo de aproveitamento), Caldas Velhas e Linha Férrea. No local regista-se a existência de 2 furos que intersectam o sistema hidromineral de S. Lourenço.

O ambiente litológico no qual se enquadram as nascentes é constituído por granitos hercínicos sintectónicos que intruíram os metassedimentos do Complexo Xisto Grauváquico (Figura 1). Estas formações, em consequência da orogenia Hercínica, apresentam-se fracturadas, surgindo as emergências na dependência de estruturas de direcção NNE-SSW. As nascentes de S. Lourenço enquadram-se no seio de um afloramento de granito sintectónico, de grão fino a médio, associadas a fracturas NNE-SSW. As nascentes de Carlão surgem na zona de contacto entre este mesmo granito e a formação da Desejosa (Sousa, 1982), integrada no Grupo do Douro do Complexo Xisto Grauváquico, estando na dependência de duas falhas de orientação geral NNE-SSW, e associando-se a um filão aplito-pegmatítico (N30°W, 45°NE) que é atravessado por filões quartzosos centimétricos de direcção NE-SW.

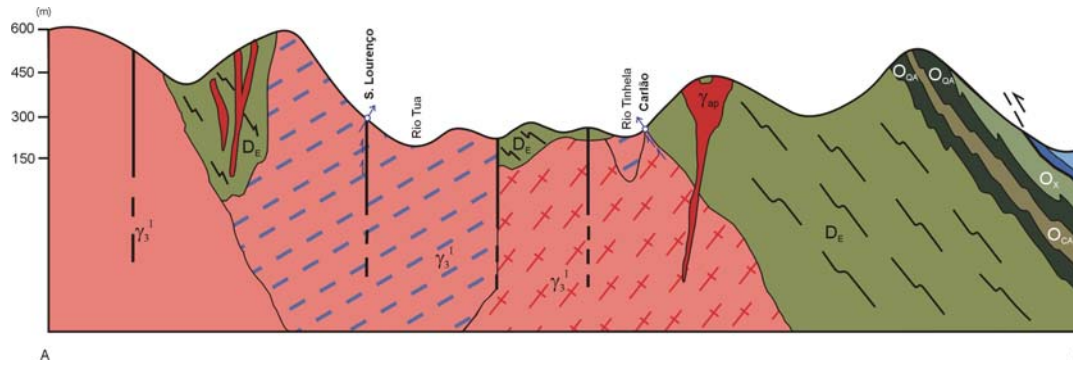


Figura 1 - Corte geológico esquemático, de direcção N-S, ilustrativo da localização e geologia das Caldas de Carlão e de S. Lourenço (sobreelevado 4x).

Sob o ponto de vista químico, as águas de Carlão e S. Lourenço são bastante semelhantes, tratando-se de águas sulfúreas, bicarbonatadas, sódicas e fluoretadas, que no caso das nascentes de Carlão emergem a uma temperatura de 30°C e em S. Lourenço a 29°C, com a composição química que se expressa (Quadros 1 e 2). Ambas as águas são de origem meteórica e a recarga é efectuada em pontos de cota elevada (Marques *et al*, 1999) na região envolvente às emergências.

Quadro 1 - Análise química resumida das emergências de Carlão

Aniões		Catiões	
	mg/l		mg/l
Cloreto	14,9	Sódio	112,9
Sulfato	5,6	Cálcio	4,0
Bicarbonato	218,4	Magnésio	0,5
Fluoreto	16,2	Ferro	0,1
Sulfureto	2,5		
	257,6		117,5

Quadro 2 - Análise química resumida das emergências de S. Lourenço

Aniões		Catiões	
	mg/l		mg/l
Cloreto	15,6	Sódio	73,4
Sulfato	5,9	Cálcio	6,0
Bicarbonato	148,8	Magnésio	0,24
Fluoreto	8,8	Ferro	0,06
Sulfureto	0,69		
	179		

Utilizadas desde tempos imemoriais com fins terapêuticos, estas águas termais são indicadas para o tratamento de doenças dermatológicas, reumáticas, músculo-esqueléticas e digestivas através de balneoterapia e ingestão.

Diversos vestígios de povoamento, nomeadamente a existência de castros e mamoaes bem como pinturas rupestres na gruta da Pala Pinta, levam a crer que o aproveitamento das águas de Carlão vem de tempos muito longínquos, acreditando-se que eram já utilizadas em tempos pré-históricos. Certo é terem sido exploradas pelos romanos, conforme atestam os achados arqueológicos encontrados nas imediações das Caldas. Contudo, dados concretos existem relativamente à sua utilização no século XVIII, sendo então referidas como “Caldas de Favaio”, época em que eram frequentadas pela população local embora nessa época existissem apenas cabanas feitas de ramagens. O 1º estudo científico cabe ao Dr. Francisco Tavares, médico de D. Maria I, que a elas se refere:



Figura 2 - Vista panorâmica das Caldas de Carlão

“água transparente, crystalina, no grao de calor de 92 a 94 de Fahrenheit ou 21 ½ a 22 ½ de R. com sabor, e cheiro próprio das águas mineralizadas pello gaz hydrogenio sulfurado [...]. Deposita no seu trânsito, sedimento branco que seco, facilmente se inflama e espalha fumo sufocante sulfúreo.”

O início da exploração empresarial terá acontecido provavelmente na segunda metade do século XIX, por parte de vários indivíduos de Carlão. Em 1939,

Artur Augusto da Fonseca faz o reconhecimento geológico do local:

“Ficam compreendidas na zona de deslocação NE-SO. [...]. Todas estas falhas seguem uma direcção quasi paralela à do Rio Tua, neste ponto. Na região predominam os micaxistos, recortadas por filões de quartzo e de pegmatite.”

Em 1970 as Caldas do rio Tinhela são estudadas e referidas no Inventário Hidrológico de Portugal, por Antero de Oliveira e João D. de Almeida que classificam as várias nascentes e indicam os efeitos terapêuticos. Nos anos 80, João Elias, retoma o aproveitamento destas águas, criando infra estruturas, inauguradas a 13 de Julho de 1986, que incluem um restaurante, um bar e um bloco de oito balneários, com gabinete médico. Actualmente desenvolvem-se obras no sentido de criar condições de alojamento aos aquistas.

O conjunto termal das Caldas de S. Lourenço, de dimensões bem mais modestas, compreende um conjunto de casas muito antigas, actualmente abandonadas. A nascente que é aproveitada para fins terapêuticos fica dentro de um pequeno edifício em granito, em forma de capela, designado “Piscina”, onde a água brota por debaixo da imagem de pedra de S. Lourenço. Ainda que com reduzida afluência esta estância está em funcionamento, existindo para o efeito uma unidade pré fabricada disponível somente durante a época balnear (período de Verão), no entanto existe a possibilidade de usufruir, durante todo o ano, da água que jorra para o tanque existente dentro da “Piscina”.



Figura 3 – A “Piscina” das Caldas de S. Lourenço

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, A. & ALMEIDA, J. D. (1970) - *Inventário Hidrológico de Portugal: Trás-os-Montes e Alto Douro*. Instituto de Hidrologia de Lisboa, 2, 639p.
- COSTA, A. L. P. (1992). O Concelho de Murça (retalhos para a sua história). Câmara Municipal de Murça. pp.179-191.
- CRUZ, J. B. (1942) - *As águas das Caldas de Carlão*. Imprensa Moderna. Vila Real.
- MARQUES, J. M. , AIRES-BARROS, L. & GRAÇA, R. C. (1999). *Nota preliminar sobre a geoquímica isotópica das águas mesotermiais de Carlão, S. Lourenço e Moledo*. Lab. Min. Petrol. do IST, Lisboa. 4p.
- SOUSA, M. B. (1982). *Litoestratigrafia e Estrutura do “Complexo Xisto-Grauváquico ante-Ordovícico” - Grupo do Douro (Nordeste de Portugal)*. Tese de doutoramento, Univ. Coimbra.